

TERRITÓRIOS FORMATIVOS DAS ADOLESCÊNCIAS QUILOMBOLAS

LAURA LIMA SILVA

Graduando do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco - UPE,
laura.limas@upe.br;

DJAILTON PEREIRA CUNHA

Docente do Curso de Psicologia da Universidade de Pernambuco - UPE,
djailton.cunha@upe.br.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é o recorte de uma pesquisa de Iniciação Científica, envolvendo o mapeamento dos territórios formativos de adolescentes quilombolas. Partimos da concepção de que a adolescência e a transição desta para a vida adulta possuem facetas particulares, onde se espera encontrar um papel proativo no desenvolvimento de características relativas ao desenvolvimento de diversas capacidades (FERREIRA et al, 2018).

Os sujeitos na adolescência situados em comunidades tradicionais, como os quilombos, enfrentam desafios de mil faces, que são constantemente invisibilizados. As organizações coloniais de poder, e a classificação racial decorrente destas, maximizam esse apagamento de subjetividades, propagando conceitos de inferiorização e ideais baseados na branquitude vigente (FANON, 2008; QUIJANO, 2009). Processos formativos, como a educação, podem promover deslocamentos frente a esse cenário, permitindo que os adolescentes quilombolas se inscrevam de forma diferenciada, promovendo a potência de vida e a criação de novas organizações subjetivas.

Nesse sentido, buscamos investigar a escola como um dispositivo formativo, analisando sua influência sobre a produção de outros modos de existência dos adolescentes quilombolas, delineando os agenciamentos subjetivos operados nesses sujeitos. Especificamente, pretendemos mapear os elementos utilizados na produção de conteúdos de novos modos de subjetivação.

2. METODOLOGIA

A pesquisa bibliográfica foi a estratégia de investigação utilizada na busca de cumprir os objetivos estabelecidos, haja visto que esta possibilita a descrição e classificação de livros e documentos similares, por meio de critérios escolhidos pelo pesquisador de acordo com seus interesses e propósitos (SEVERINO, 2003). Dessa forma, foi realizado o estado da arte, buscando uma contextualização acerca da temática central. A análise ocorreu por meio de leitura formativa, estudos críticos e problematizações dos conteúdos trazidos pelos materiais, possibilitando a construção de relações entre estes e outros nichos temáticos, assim como pensar acerca de possibilidades de ampliação da pesquisa (VOSGERAU, ROMANOWSKI, 2014).

3. RESULTADOS OU CONCLUSÕES

A partir da análise do material coletado, produzimos reflexões em torno do contexto quilombola, associado a questões culturais, territoriais e históricas, resultando em uma organização social enfatizada por seu caráter étnico (SCHMITT, TURATTI E CARVALHO, 2002). Nas comunidades quilombolas observamos tais aspectos de sua organização étnico-racial, destacando o fortalecimento da negritude dos sujeitos, que “torna-se uma convocação permanente [...] para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas” (MUNANGA, 2019, p.18).

Os territórios formativos dos adolescentes quilombolas envolvem desde a família até aqueles relacionados às questões midiáticas e estéticas. A educação, nesse caso, pode ser observada como dispositivo que atua sobre os processos de subjetivação desses jovens, ultrapassando seu estado formal, ocorrendo através de amplas movimentações que visam a humanização, por meio de diversos aspectos socioculturais (GOMES, 2003).

No tocante a educação formal, observamos a dificuldade na continuidade do processo de escolarização dos adolescentes quilombolas, impedido por vezes devido às condições econômicas e relações raciais (SILVA, 2019). Esse cenário é corroborado por questões de gênero e de classe, advindas dos séculos por meio da discriminação dos negros, considerados seres inferiores e incapazes de aprendizado e produção intelectual (NASCIMENTO, 2019).

O espaço escolar é o ambiente no qual processos de subjetivação e de construção de identidade são desencadeados e reforçados. Assim, é necessário ultrapassar as delimitações impostas pelo racismo estrutural e criar novas estratégias de diálogo voltadas a discussão da negritude e suas facetas dentro da escola, buscando a desconstrução intencional das metodologias discriminatórias vigentes (NASCIMENTO, 2019)

A escola pode atuar como um território onde a subjetivação dos alunos é construída em direção ao cuidado de si mesmo e da consideração e respeito às diferenças do outro (FRANÇA; MENDES, 2019). Pensando em uma educação escolar quilombola, apontam a integração de ferramentas e procedimentos que dialoguem com o contexto quilombola, fortalecendo movimentos de reconhecimento e promoção da negritude desses alunos.

Esse território educacional atua na construção da subjetividade dos adolescentes quilombolas, uma vez que na escola eles se deparam com “diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura, sua história, seu corpo e sua estética” (GOMES, 2003, p. 172). Isso pode ir contra a sua própria experiência da negritude ou estar em consonância com tal concepção. Dessa forma, a educação pode ser vista com um processo formativo integrativo de diferentes saberes, vivências e realidades, atuando sobre o reconhecimento intersubjetivo dos adolescentes, visando movimentos de autorrealização e produzindo sentidos vinculados ao respeito (ALVES, 2015).

O reconhecimento das subjetividades desses jovens, suas experiências e olhares em torno da negritude e da sua própria cultura podem ser estimulados. Através da incorporação de vivências distintas, novos territórios subjetivos e formativos podem ser explorados, estabelecendo posicionamentos e ações políticas, sociais, culturais e educativas. Assim, os territórios formativos podem se configurar como instrumentos promotores de luta e (re)existência dos adolescentes quilombolas com práticas inovadoras que facilite a ruptura do *modus operandi* do padrão hegemônico racista da sociedade.

Palavras-chave: Adolescências; Educação; Quilombos.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. N. R. Juventude quilombola: projetos de vida, sonhos comunitários e luta por reconhecimento. 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

DELMONDEZ, P. A diferença cultural na escola: uma cartografia de processos de subjetivação de adolescentes e professores/as. Brasília. 2013. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, A. L. et al. As adolescências periféricas: uma pesquisa-ação integral/transpessoal. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

FRANÇA, E. T.; MENDES, J. R. Entre a sujeição e a subjetivação: reflexões sobre as práticas curriculares em “escolas quilombolas”. Linha Mestra, n. 37, p. 70-78, 2019.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, v. 29, n. 1, p. 167-182, 2003.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NASCIMENTO, T. M. Educação e negritude: pedagogias de luta que atuam nas arestas. *Anais IV COPENESUL... UNIPAMPA*, 2019.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Org.) *Epistemologias do Sul*. Edições Almedina, 2009. p.73-117.

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente & Sociedade*, v. 5, n. 10, 2002.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, R. A. *Desigualdades e resistências dos/as jovens quilombolas e da periferia urbana de Garanhuns/PE*. 2019. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia. 2019.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. *Rev. Diálogo Educ*, v.14, n.41, p. 165-189, 2014.